

**Barbara Gancia**

# A SAIDEIRA

Uma dose de esperança depois de  
anos lutando contra a dependência



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Barbara Gancia, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Andressa Veronesi  
*Revisão:* Juliana Rodrigues e Thais Rimkus  
*Diagramação:* Anna Yue  
*Fotos de miolo:* Arquivo pessoal da autora  
*Tratamento de imagens:* Wagner Fernandes  
*Capa:* Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil  
*Fotos de capa:* Eduardo Knapp  
*Direção de arte:* Maria Cecília Marra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gancia, Barbara

A saideira : uma dose de esperança depois de anos lutando contra a dependência / Barbara Gancia. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.  
280 p.

ISBN: 978-85-422-1451-2

1. Gancia, Barbara, 1957 - Biografia 2. Alcoólatras - Autobiografia  
3. Jornalistas - Autobiografia 4. Mulheres alcoólatras - Autobiografia  
I. Título

CDD 920.9362292

18-1697

Índices para catálogo sistemático:  
1. Alcoólatras - Autobiografia

2018  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar  
Ed. Horsa II – Cerqueira César  
01411-000 – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



*Para Marcela, o maior presente  
que a recuperação me deu.*

# Planeta





*Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária  
para aceitar as coisas que eu não posso modificar,  
coragem para modificar aquelas que posso e  
sabedoria para reconhecer a diferença.*

*Oração da serenidade*



## Sumário

É dose	11
<i>Bye-bye, happy hour</i>	16
Bebo porque líquido é	23
Opiáceos naturais	30
Precisamos falar sobre dependência	36
Beber para entrar em órbita	39
Não é não	46
Vou ter de mudar minha vida inteira?	54
Corra que o prefeito Covas vem aí	59
Celebridades não se drogam	65
Poça de sangue	72
Graça e desgraça	75
Monstro do pântano	78
Juntando os cascos	81
Vira-latas	93
Um, dois, três, quatro, <i>ploft!</i>	99
Se beber, não tose	104
<i>Take your shoes off, George</i>	107
Crime e castigo	120
Vale tudo	131
Homúnculo	139
“TB”	148

“Mr. May”	152
“Quero rir ao me ver tão bela neste espelho”	160
Minha vida de cachorro VIP	163
Odaliscas	172
Sustentabilidade uma ova!	179
Tratamento e aconselhamento	193
O 7 x 1 de Contardo	201
Bom dia, tristeza	211
Colunista da <i>Folha</i>	218
Eu ganhei a Copa do Mundo	227
“Caixão lacrado”	233
A dádiva da persistência	238
<i>Flashback</i>	241
Última internação	243
<i>Kanreki</i>	249
Os 12 Passos de Narcóticos Anônimos	254
Carta de C. G. Jung a Bill W.	256
“Os outros que ajudam (ou não)”	
Coluna Contardo Calligaris   <i>Folha de S.Paulo</i>	259
“Um convite a Contardo Calligaris”	
Coluna Barbara Gancia   <i>Folha de S.Paulo</i>	262
Agradecimentos	265
<i>Playlist A saideira</i>	267



## É dose

Como é que eu fui parar em Cotia?

Há anos colecionava suspeitas informais de que minha picada na trilha da vida me conduziria até aquela sala, naquele dia inespecífico do mês de maio de 1988, no período mais danado de um daqueles outonos que pegavam São Paulo de surpresa quando o derretimento das calotas polares ainda não era manchete.

Sabia que alguma coisa me impelia, desde o primeiro dia em que me reconheci por Barbara, a viver perigosamente e a chegar às últimas consequências de todas as emoções, sobretudo as mais baratas.

Até a presente temporada em Cotia, na Grande São Paulo, eu tinha sido uma mulher com uma missão, e a agitação, a minha bússola. Ainda que, àquela altura, não soubesse especificar o quanto havia de delito intencional nas minhas práticas diárias, eu me via como uma mulher-bomba, circulando por aí de colete explosivo e com o dedo no detonador. Muito difícil, no meio de minha existência de fervura contínua, de noitada atrás de noitada, auferir o quanto de autoria minha havia ali ou o quanto eu era produto do meio em que cresci.

Naquele domingo gelado, os internos da clínica Recanto Maria Tereza estavam agitados. A rotina da semana seria

quebrada depois do café da manhã pela chegada dos parentes que viriam nos visitar e participar das terapias de grupo. Terminada a limpeza dos quartos (cada um tinha de dar conta do seu), íamos para a varanda, de onde se avistava o portão de entrada, para esperar nossos familiares enquanto fumávamos um cigarro atrás do outro tentando debelar a angústia e o frio.

Eu era recém-chegada à clínica e não conhecia o procedimento domingueiro ou as normas que regiam aquele tipo de convívio.

Nunca tinha ouvido falar em autoajuda nem sido apresentada ao tal programa de 12 Passos.

Minha mãe veio cedo, trazida pelo Carlito, nosso motorista, a quem eu acertadamente já tinha apelidado na época de “Conduzindo Miss Daisy”, em razão de sua devoção à patroa. Em junho de 2016, depois de 41 anos trabalhando conosco, Carlito ajudou a se despedir de minha mãe. Arrisco a dizer que, na cerimônia de cremação, ele estava bem mais emocionado do que meus irmãos e eu.

Um dos médicos de plantão se apresentou para levar minha mãe a outro local onde, segundo ele, se daria a reunião “exclusiva para familiares”.

“Cuma?”

Tinha tido a impressão de que minha progenitora viera de São Paulo para compartilhar a intensidade da experiência comigo, que iríamos juntas assistir ao que eu imaginava ser uma palestra.

Não seja por isso. Para compensar a ausência inesperada de dona Lulla Gancia naquele ritual tão aguardado pelo povo da clínica, e para não deixar o pobre do Carlito na mão no dia de folga que ele gentilmente nos cedeu, eu lancei. “Vamos lá pra reunião dos dependentes comigo, Carlito? É logo ali, na capela da clínica, topa?”

Diga-me, quando foi que o Carlito me negou alguma parada?

A sala estava lotada, muita gente vinda sabe-se lá de onde, habitantes da região sem nenhuma conexão com a clínica se confundiam com os meus colegas de internação: o Peter, descendente de poloneses, um Shrek em matéria de delicadeza, que trabalhava como motorista de caminhão na Petrobras; o Miguel, “pleiba”, herdeiro de “papi” industrial; o PeGê, funcionário-padrão do metrô de São Paulo... Eu conseguia identificá-los espalhados pela plateia enquanto avançava entre as pessoas à procura de lugar para sentar.

Um sujeito, que eu nunca vira mais gordo, já estava falando lá de cima de uma espécie de palanque improvisado ao lado do púlpito.

Era um cidadão negro, encolhido, 30 e tantos anos, aparentando cinquenta de trabalhos forçados em alguma ilha da Guiana Francesa. O rosto havia adquirido uma textura topográfica e fazia dele o clássico camarada surrado pelas intempéries da vida, das quais recolheu maneirismos identificáveis a milhas de distância, se milhas usássemos, como sendo farta rodagem em bares, botecos, panificadoras ou onde quer que haja quórum para uma rodada de birita.

“Hoje é dia 26 de maio de 1988”, proclamou. “No mesmo dia 26 de maio de outro ano, 1981, eu tomei um fogo fenomenal num churrasco e fui dirigindo levar minha família para casa...”

Quem nunca? O pavio da minha impaciência começou a esquentar. “O que é que eu estou fazendo aqui ouvindo isso?”

O “amizade” do palanque seguia firme no seu relato: “Eu tinha uma Kombi... Velocidade... Capotou... Minha sobrinha morreu...”.

O quê?

A sobrinha dele... o quê?

Gente.

Boca escancarada cheia de dentes, dirijo-me ao Carlito para comunicar que, tchau e bênção, vou indo, até mais, quando me dou conta de que ele está mais pasmo do que eu. Só que por motivo distinto.

“Você ouviu o que ele disse?”

“Hein?”

“Você ouviu o que ele disse, Barbara?”

O sujeito da Kombi continuava matraqueando suas lamúrias indigentes, e eu só querendo me mandar dali.

“Barbara, você ouviu? Ele contou que se acidentou no dia 26 de maio de 1981.”

“Sei. E daí?”

“Esse não foi o mesmo dia que você perdeu a vista naquele acidente na avenida Paulista?”

Sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, eu terminaria participando de uma reunião de Alcoólicos Anônimos (AA) igualzinha àquela, do jeito que a gente vê nos filmes. Mas nunca me ocorrera que, na minha primeira ida a uma sala do AA, logo de cara seria confrontada com os demônios que habitavam o âmago do meu ser.

Como bem lembrou Carlito, no dia 26/05/1981, cruzei a avenida Paulista no sinal vermelho a toda velocidade, atingi em cheio um mirrado fusquinha bege, e meu Fiat 147 saiu rodando feito busca-pé. O impacto do meu rosto (naquele tempo o cinto de segurança não era obrigatório) arrancou o espelho retrovisor e eu mergulhei pelo vidro dianteiro de encontro ao asfalto. Quando percebi o tamanho da encrenca, estava sentada descabelada na calçada da rua Peixoto Gomide, em frente ao parque Trianon, olhando para meu ex-carro, que imitava um cãozinho pedindo afago com as quatro rodas no ar e tinha a frente inteiramente destruída. Com a injeção de adrenalina, o porre homérico em que me encontrava um segundo antes de furar o sinal evaporou.

Com o olho esquerdo, podia ver o sangue jorrando do meu supercílio direito. O sujeito do outro carro não parecia machucado nem demonstrava disposição em promover o meu linchamento. Ótimo. Mas o jeito assustado com que ele me esquadrinhava começou a me preocupar. Então eu me dei conta de que estava sentada numa lagoa de sangue.

Foram seis horas de operação para reconstruir meu rosto, mais três para tentar recuperar o olho direito, que, desafortunadamente, encontrou destino irremediável. Tal e qual o da sobrinha do companheiro de clínica.

Aquele cara e eu, nós tínhamos causado um *strike* movidos pelo mesmo desatino, no mesmo dia, em locais diferentes da cidade. Não éramos tão estranhos um ao outro quanto eu imaginara. Resolvi ficar para ouvir o resto.



## *Bye-bye, happy hour*

Deu-se um tempo na minha vida em que comecei a perceber uma estranha sincronicidade: toda vez que eu estava bêbada, acontecia alguma grande cagada. E toda vez que, por ventura, eu cometia uma grande cagada, era porque tinha bebido.

Uma parcela expressiva das pessoas do meu convívio também se dava conta dessa coincidência intrigante que insistia em me perseguir. De cabeça, fiz uma lista dos que estariam por dentro dos pungentes acontecimentos que se referiam a mim.

Perceba o drama: 1) toda minha família, incluindo sobrinhos recém-nascidos; 2) meus empregadores; 3) minha funcionária; 4) todos os meus amigos e os meus conhecidos, incluindo os vizinhos; 5) a quase totalidade dos comissários de bordo da ponte aérea; 6) garçons de inúmeros estabelecimentos dentro e fora do Brasil (inclusive aqueles que trabalham a bordo de navios de cruzeiro); e também 7) alguns colegas de trabalho.

Bem, talvez o círculo que conhecia a minha situação periclitante fosse um pouco maior do que eu me dava conta na época. A título de exatidão, melhor aumentar o espectro para as folhas corridas de pagamento da Folha de S.Paulo, do “Caderno 2” do *Estado* e de todos os andares do prédio da Editora Abril, empresas pelas quais passei. Essa era a real

quantidade de colegas que podiam perceber as minhas constantes alterações.

Foi por esse motivo que não fiquei muito abalada quando soube formalmente, oficialmente e oficiosamente que eu tinha um problema que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define no protocolo da Classificação Internacional de Doenças (CID) como “Fenômeno comportamental cognitivo e fisiológico após repetido consumo do álcool, associado ao forte desejo de beber, dificuldade de controlar o consumo e a utilização persistente apesar das consequências nefastas, com prejuízo das atividades e obrigações, aumento da tolerância e, às vezes, abstinência física”. Na cultura do AA, irmandade que apresenta alguns dos melhores resultados no tratamento e na recuperação de dependentes, o alcoolismo é uma doença “incurável, progressiva e fatal”. Ora, eu bem que desconfiava que ambos os acontecimentos, embora exclusivos (fazer “cagada” e beber), não poderiam estar interligados com tamanha intimidade e por tanto tempo, em repetidas oportunidades das mais diversas, se não houvesse uma forte conexão entre eles.

Já tinha construído uma carreira de sucesso como alcoo- lista ruidosa quando o mentor e *brother*, o jornalista e biógrafo Ruy Castro, me ligou para pedir um favor num sábado qual- quer, que eu situo, pelas minhas parcas contas, no mês de maio de 1988.

Ruy não dirige nem sequer patinete. Queria que eu o transportasse no meu possante Fiat 147 até Cotia, onde havia sido internado recentemente por 28 dias para tratar do alcoo- lismo que praticamente o estava matando. Em outras circuns- tâncias, eu teria chiado ou até recusado a carona. No meu sabadão, pôxa! Ocorre que Ruy tinha saído da clínica tinindo de sóbrio e permanecido sem beber durante vários dias após receber alta. Fazia por merecer a deferência.

Ele nunca mais tomaria outro porre na vida depois daquela internação, mas, àquela altura, nem ele sabia disso.

Nós todos, que gostávamos muito de Ruy, pessoal da redação da *Folha*, amigos do *Estadão* e do semidefunto *Jornal do Brasil*, estávamos entusiasmados com sua recuperação. Ninguém nunca imaginou que ele conseguiria sair daquela encrenca pra lá de complicada em que a vodca o metera.

Urge que eu deixe registrado na pedra que Ruy Castro foi grande companheiro de prosa e de copo. Todo dia dávamos um perdido na redação da *Folha* (à época, eu escrevia para a “Ilustrada” e ele atuava como repórter especial. Isso foi antes de a *Folha* nos dar, a ele e a mim, colunas assinadas para escrever as bobagens que nos conviessem e antes de eu passar quinze anos fazendo um suplemento dominical chamado “Revista da Folha”).

Sem falta, fosse na hora do almoço ou no meio da tarde, pouco antes do fechamento do jornal ou logo depois dele, nós seguíamos para o “mosca frita”, boteco frequentado por jornalistas nas imediações da Folha. Também fizemos história no hotel Jandaia, esquina da avenida Rio Branco com a alameda Barão de Limeira, a poucos metros do prédio do jornal, onde era servida uma vodca-tônica com chorinho dos mais generosos do país.

Para efeito de glossário, “mosca frita” é o apelido dado aos estabelecimentos de parcas estrelas equipados com aquele aparelho luminoso que descarrega eletricidade matando muricocas, percevejos, pernilongos e moscas que se atrevam a pousar na luz. E “chorinho” vem a ser aquele ato de generosidade cristã do garçom quando ele adiciona, a seu critério, um gole de bebida além da dose, a fim de compensar o líquido derramado no ato de servir.

O Jandaia era um típico hotel dos anos 1970 no centro de São Paulo. Graduado com uma solitária estrela, monumento



à decadência e mesmo assim “funcionante”, gente a granel circulando para cima e para baixo naquele carpete esgarçado, elevador sem manutenção e paredes com manchas muito suspeitas por todos os lados. No mezanino, garçons com pinta de funcionários de clube, terno branco desestruturado, toalha no braço, gravata preta e muita expediência no *métier*, comandavam a bagunça.

Para quem encara o beber com método, como era o caso do Ruy e também o meu, esse é o tipo de garçom nos braços de quem você deseja dar seu último suspiro. Salve Borba, do São Paulo Golf Club! Salve o Pandoro e seu triunfante esquadrão! Salve a churrascaria Rodeio, onde eu dava expediente diário e cuja conta pagava mensalmente só para imitar o publicitário-sensação Washington Olivetto e o picante – *lato sensu* – colunista Tarso de Castro.

O Jandaia tinha cicatrizes bem visíveis, mas não deixava de ser “bombado”. Uma batelada de artistas da MPB se hospedava lá, por algum motivo que presumo estar vinculado à tirania consumada das gravadoras da época, que tratavam artista feito escravo e eram tão mãos-de-vacas quanto aquele cara que não penteia o cabelo para não ter de repartir.

Sempre havia algum famoso indo ou vindo pelo saguão do Jandaia.

Uma vez entrevistei o Tim Maia por telefone: eu nervosíssima e ele simpático demais para ser verdade. A um dado momento, ele interrompeu a entrevista para me fazer uma pergunta bizarra: “Vem cá, porque você está perdendo tempo falando comigo? Por que não desce e vai até o número 423 da Barão de Limeira, pega um fumo, dá uma relaxada e depois vai ao Jandaia dar um rolê?”.

Eu estava em um hiato de dois anos sem beber quando essa conversa se deu – e creio que o Jandaia já tinha até mudado de nome –, mas o Tim Maia era um safado condecorado

com honrarias militares. Como o prédio da Folha de S.Paulo está localizado no número 425 da mencionada rua, assim que desligamos o telefone, obviamente, por dever de ofício ou pelo meu faro para a encrenca, fui correndo ver do que se tratava.

Dei com uma lojinha em um corredor escuro, que abrigava uma lavanderia na parte da frente e um balcão ao fundo, onde o freguês fazia apostas no jogo do bicho. Eu passei diante desse lugar todo santo dia, durante séculos, e nunca tinha me dado conta de que aquilo era uma “boca”.

Olha só que danado esse Tim Maia? Na mesma entrevista, ainda mandou a secretária anotar meu nome, endereço e telefone, jurando que me enviaria todos os seus discos lançados em CD. Adivinha se eu recebi?

Retomando o assunto interrompido pelo parêntese feito ao glorioso Tim Maia, lá fomos nós, o hoje consagrado e 100% “limpo” biógrafo e eu, tomar o rumo da clínica Maria Tereza, onde Ruy iria fazer seu retorno médico.

Chegamos ao lugar mais lóbrego e cheio de eucaliptos que pudesse haver em toda a extensão da BR-116. (Eu sei, eu sei. Usar “lóbrego” para descrever um entorno de eucaliptos parece pleonasma.)

Mal chegamos e o Ruy já foi encaminhado para sua consulta. Puxa, quanta eficiência. Médicos costumam dar cada chá de cadeira. Sobre ali na recepção, uma espécie de jardim de inverno, e logo voltei meu radar para o zanzar que acontecia do lado de fora.

Devia ser a hora do recreio ou de os internos vagarem e falarem sozinhos. O que eu poderia saber sobre esse assunto, não é mesmo? Grupos de pacientes se juntavam para fumar e conversar embaixo das árvores. Que oportunidade fascinante para ver, de perto, a cara de um maluco beleza. Inspecionei um a um sem conseguir disfarçar. Pela minha mente, um *streaming* de preconceito corria solto. “Então é assim que eles

se comportam em grupo? Não parecem muito diferentes de não dependentes”, concluí, de cima do meu salto alto, que estava prestes a quebrar.

Um sujeito veio puxar conversa comigo.

Não achei nada demais, sou conversadeira nata, daquelas tão gregárias que me divirto genuinamente até nas eventuais idas à farmácia para comprar um antigripal.

O camarada se abriu, disse que tinha chegado à clínica como paciente, depois trabalhou como médico e agora era supervisor. *Ah tá, sorte sua.* Do nada, perguntou: “Você quer fazer nosso teste padrão que ajuda a saber quem é dependente de álcool?”.

Claro que queria, como não? Quem não aproveitaria oportunidade tão perfeita? Quem não iria querer ter em mãos um documento que pudesse até ser plastificado e depois usado para esfregar na fuça de policiais civis, policiais rodoviários, agentes alfandegários, PMs, padres, rabinos, delegados, recepcionistas, seguranças, leões de chácara, juízes (de futebol e outrem), enfermeiros, porteiros, entregadores de pizza e assim por diante? Achei que a ideia daquele homem vinha muito a calhar.

Imediatamente respondi que sim, que queria muito fazer o tal teste. Tinha certeza de que conseguiria dominar a situação. Não seria um teste de uma clínica cheia de eucaliptos que me derrubaria, não é mesmo?

Em paralelo, corria outro pensamento assaz contraditório.

O convite do médico me deu um alívio inesperado, como se alguém estivesse me convidando para participar de um jogo cujas regras eu já conhecia.

Ele me deixou ali sentada e, em menos tempo do que você levaria para soletrar “alcoólicos anônimos”, voltou com um papel sulfite impresso e me entregou.

As perguntas eram bem objetivas, do tipo:

Nos últimos doze meses você tentou parar de beber por uma semana ou mais sem conseguir atingir seu objetivo?

Nos últimos doze meses você invejou as pessoas que podem beber sem criar problemas?

Nos últimos doze meses você discutiu com algum amigo ou parente por causa de bebida?

Nos últimos doze meses você tentou controlar sua tendência de beber demais trocando uma bebida por outra?

Nos últimos doze meses você experimentou apagamento (blecaute), ou seja, acordou sem se lembrar dos acontecimentos da noite anterior?

Nos últimos doze meses você faltou ao trabalho por causa da bebida?

Nos últimos doze meses você foi multado por embriaguez ou teve problemas com a polícia?

Naquele tempo, o questionário tinha vinte ou mais perguntas; hoje, é mais sucinto. Se você respondesse “sim” a quatro ou mais, explicou-me o doutor supervisor quando terminei, é porque apresentava grandes chances de ser alcoólatra. Eu respondi “sim” a todas elas.

Assim que devolvi o questionário para o sujeito, Ruy Castro surgiu triunfal, tal e qual a sua biografada Carmen Miranda; ele veio vindo na minha direção com aquele seu sorriso de gato de Cheshire que lhe ocupa metade do rosto: “Aposto que você respondeu ‘sim’ a todas elas. Eu fiz a mesma coisa!”.

Só me aparece piadista, fala sério!